

APRENDIZAGEM EM COMUNIDADES VIRTUAIS: COLABORAÇÃO E REFLEXÃO CRÍTICA

Campo Grande - MS - Maio – 2011

Maria Cristina Lima Paniago Lopes – Universidade Católica Dom Bosco UCDB –
cristina@ucdb.br

Maysa de Oliveira Brum Bueno - Universidade Católica Dom Bosco UCDB –
maysabueno@terra.com.br

Educação Continuada em Geral

Nível Micro – Interação e Comunicação em Comunidades de Aprendizagem

Natureza do Trabalho Científico – Descrição de Projeto em Andamento

Classe – Investigação Científica

RESUMO

Este artigo pretende apresentar algumas experiências vividas dentro de um Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Tecnologias Educacionais e Educação a Distância (GETED). Nosso foco é analisar concepções dos professores sobre sua aprendizagem em comunidades virtuais. Queremos entender como os professores, participantes do GETED, concebem a inserção das TIC e os ambientes virtuais em sua prática docente, especialmente sobre alguns pontos que consideramos essenciais nesse contexto: a colaboração e a reflexão em comunidade. É uma pesquisa qualitativa sob a concepção de sempre apresentar a perspectiva dos participantes da pesquisa, com foco no processo, não no produto, considerando o ambiente natural, uma vez que este nos fornece os dados, e o pesquisador como principal fonte de investigação. Os dados foram coletados no ambiente virtual NING, onde os participantes do grupo, em formação continuada, partilham suas idéias, conceitos, experiências, informações e conhecimento através de fórum de debate, blogs e mensagens. Os dados mostrados pelos professores, participantes do grupo, apontam como dados importantes o diálogo como colaboração para o processo de reflexão crítica em comunidades virtuais, pilares importantes para melhorar as suas práticas e também gerar novos conhecimentos.

Palavras-chave: colaboração, concepções dos professores, comunidade virtual, formação continuada.

1. Introdução

Este artigo pretende apresentar algumas experiências vividas dentro de um Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Tecnologias Educacionais e Educação a Distância (GETED). Nosso foco é analisar concepções dos professores sobre a sua aprendizagem em comunidades virtuais.

Queremos entender como os professores, participantes do GETED, concebem a inserção das TIC e os ambientes virtuais em sua prática docente, especialmente sobre alguns pontos que consideramos essenciais nesse contexto: colaboração e a reflexão em comunidade. Nosso objetivo é abrir espaço para a reflexão sobre a sua aprendizagem no contexto virtual e, conseqüentemente, sobre o processo de sua aprendizagem.

É uma pesquisa qualitativa sob a concepção de sempre apresentando a perspectiva dos participantes da pesquisa, com foco no processo, não o produto, considerando o ambiente natural, uma vez que fornece os dados e o pesquisador como principal instrumento de investigação.

Os dados foram coletados no ambiente virtual NING, onde os participantes do grupo, em formação continuada, partilham as suas ideias, conceitos, experiências, informações e conhecimento através dos instrumentos de informação e comunicação, como fórum de debate, blogs e mensagens.

Para discutir as concepções dos professores sobre o seu processo de aprendizagem em contexto digital começamos a apresentar algumas reflexões sobre colaboração e reflexão em comunidade, pilares fundamentais para promover um processo qualitativo da aprendizagem em ambientes virtuais mediados pelas ferramentas de TIC.

2. Formação permanente no GETED

Em 2006, o grupo de pesquisas e estudos sobre Tecnologias Educacionais e Educação a Distância intitulado GETED foi constituído. O objetivo foi abrir espaço para pessoas interessadas em aprofundar, partilhar conhecimentos e experiências sobre os temas acima referidos. O grupo é composto por profissionais de diferentes Instituições de Ensino Superior (públicas e privadas) e também de profissionais de escolas de ensino fundamental e médio, como

professores, estudantes, pesquisadores, coordenadores e supervisores, todos eles preocupados com a inserção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e ambientes virtuais no processo de ensino e aprendizagem. A maioria dos participantes do grupo também tem algum tipo de experiência com o uso das TIC e os ambientes virtuais em seus contextos educacionais.

Após o primeiro ano, o grupo começou a levantar algumas considerações sobre o aumento de sua força e sobre a partilha de conhecimentos com professores que têm pouca experiência na utilização das TIC nos seus contextos de ensino e na prática da educação a distância. Estes nos fez abrir um espaço virtual como comunidade de estudos e pesquisas a fim de mobilizar a construção do conhecimento, a interação entre o grupo e a aprendizagem colaborativa.

Pimenta (1999) aponta que o desenvolvimento do professor deve mobilizar o conhecimento teórico e desenvolver a capacidade de investigar a atividade da própria pessoa. Mobilizar, de acordo com o autor, significa algo além de "movimento". Portanto, a educação dos professores em curso deve ser um processo contínuo, focado no conhecimento prático, teórico e pedagógico. Esse processo deve promover pesquisas sobre a realidade escolar, bem como as suas práticas de ensino. Além disso, a prática deve ser o princípio de formação no processo de ensino. Esses pressupostos podem ser uma resposta para a distância real entre a incompatibilidade de formação de professores e a prática efetiva.

Entendemos que uma aprendizagem ao longo da vida significa que nós podemos aprender de uma forma contínua, durante toda a nossa vida, em contextos formais e informais, baseada em teorias e práticas e em tempo e espaço diferentes, em situações acadêmicas e não-acadêmica e durante toda a vida. De acordo com Lea (2005, p. 180), "A universidade não está mais confinada dentro de seus próprios edifícios; cursos são ministrados nas escolas de proximidade, no local de trabalho e online. Com essas mudanças profundas vieram novas palavras associadas com o aprendizado: "distribuídos", "flexível" e "misturados". Ela acrescenta: "Em suma, a universidade já não é mais o sustentáculo tradicional do conhecimento, definida por suas fronteiras disciplinares e suas características físicas campos, colégios e edifícios". Que é

exatamente onde o conceito de comunidades surge: "É neste contexto que os pesquisadores da área de ensino e aprendizagem no ensino superior estão fazendo uso do conceito de comunidades de prática, a fim de informar os médicos [...] sobre novas formas de compreender a aprendizagem dos alunos "(p.180).

Nesta perspectiva, consideramos importante investigar como os professores, participantes do GETED, concebem a inserção das TIC e os ambientes virtuais em sua prática docente, especialmente sobre alguns pontos que consideramos essenciais nesse contexto: a colaboração e a reflexão em comunidade. É importante notar que as reuniões do GETED ocorrem tanto em espaços virtuais quanto presenciais físicos. A conversa e debates sobre algumas informações, teorias, conceitos, práticas ocorrem no Ning (um espaço de rede social virtual) e no Moodle (Modular Object uma Oriented Dynamic Learning Environment), ambos com ferramentas disponíveis de comunicação como chat, e-mail, mensagens, wiki, fórum de debates que permitem a construção individual e coletiva do conhecimento e da aprendizagem na comunidade.

3. Aprendizagem em Comunidades Virtuais

Segundo Downes (2007), "[...] Para saber mais é mergulhar na rede". Ele acrescenta: "O estudante, então, através de um processo de interação com os profissionais, vai começar a praticar, replicando o que foi modelado com um processo de reflexão de orientação e correção. Para ele, "a aprendizagem, em outras palavras, ocorre nas comunidades, onde a prática da aprendizagem é a participação na comunidade" (p.20).

Downes (2007) também ressalta a importância da conversa realizada entre os participantes em uma atividade de aprendizagem. Segundo ele, "essa conversa, na era da Web 2.0, consiste não só de palavras mas de imagens, vídeo, multimídia e muito mais" (p.20). Ele afirma que essa conversa desenvolvida por todos os membros da comunidade, podem criar muitos recursos interconectados. Aprender em comunidades consiste em um conjunto de pessoas conectadas interagindo umas com as outras e produzindo conhecimento, e não uma mera agregação das perspectivas dos membros. Consequentemente, a aprendizagem se torna mais democrática,

caracterizada pelo diálogo, comunicação e criação de conteúdo.

É importante notar que a aprendizagem em comunidade "não pode basear-se no grupo, mas sim, na rede, onde as conexões atravessam as fronteiras existentes [...]" (Downes, 2007, p.21). Ela implica na submissão do conteúdo do curso para a discussão. Isto é, "a comunidade é a principal unidade de aprendizagem, e que o conteúdo e os recursos de aprendizagem são secundários, decorrentes do próprio grupo, e surgem a partir e só por causa da comunidade" (p.21).

Esta proposta de conexões no contexto educacional pode estar ligada ao pensamento de que a educação deve ser encarada como um processo inconcluso e também uma forma permanente. Mulheres e homens se tornaram educados na medida em que se reconhecem inacabados (FREIRE, 1997, p.64), ou seja, estamos sempre em busca de melhorar o nosso conhecimento e educação.

O diálogo inconcluso pode abrir espaços para mais comunicação, reflexão, relações inter-pessoais, colaboração e, como consequência, a transformação de nossas realidades, práticas, conceitos e crenças.

Ser dialógico é vivenciar o diálogo (FREIRE, 1983, p.43). É não invadir ou manipular. Ser dialógico, é estar envolvido na constante transformação da realidade. Freire (1983, p. 52) acrescenta que, em qualquer hipótese, a intenção do diálogo é a problematização do próprio conhecimento em sua realidade concreta, isto é, para compreendê-lo melhor, para explicá-la e transformá-la.

De acordo com Freire (1993, p.9), aprendemos a realidade por uma rede de colaboração em que um ajuda o outro a desenvolver, ao mesmo tempo que desenvolvemos nós mesmos. Todos aprendem juntos e em colaboração. Ninguém treina ninguém. Ninguém se educa a si mesmo. Mulheres / homens treinam-se em comunhão mediadas pela percepção do mundo.

A colaboração é a "fundação de uma comunidade de aprendizagem *onlin* - e que reúne estudantes para apoiar a aprendizagem de cada membro do grupo, promovendo a criatividade e o pensamento crítico" (Palloff & Pratt, p.XI). Essa idéia compartilha do argumento Schön sobre a prática reflexiva. De acordo com Schön (1983), aprendizagem e suas ferramentas cognitivas, e o papel da

reflexão nos processos de aprendizagem em geral, causam mudanças pessoais. Com o desenvolvimento da prática reflexiva e sistemas de aprendizagem dentro das comunidades, os aprendizes tornam-se mais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem em rede.

4. A Colaboração na Comunidade

A colaboração e a participação envolve práticas individuais e também o aprendizado coletivo, pessoal e social. Concordamos com Lankshear et al (2000, p. 133-134) que "enquanto alguns dos trabalhos [...] podem ser feito por indivíduos, por iniciativa própria, é importante que muitos sejam realizados coletivamente e de forma colaborativa no processo de construir uma cultura [...]" quer dizer, "em pequenos grupos, e parcerias, baseadas em interesses comuns e outras fontes de filiação". Quando assumimos a responsabilidade de criar uma comunidade de aprendizagem em conjunto, nós definitivamente participamos e, conseqüentemente, a aprendizagem é mais significativa e útil. O produto da colaboração e da interação entre os participantes de uma comunidade é a construção de um novo conhecimento construído pela participação coletiva de membros com objetivo comum.

Percebemos nos discursos dos participantes da comunidade, a preocupação com a responsabilidade que devem ter quando se está inserido em uma comunidade. Eles parecem saber o quão importante é participar efetivamente como membro de um grupo, especialmente quando este grupo quer se tornar uma comunidade.

Um dos participantes, que vamos chamar aqui de participante M, afirma sentir que estamos a consumir informação mais do que produzir novos conhecimentos de forma colaborativa deixando de explorar o enorme potencial de PLE (Personal Learning Environment). Esse mesmo participante pontua ainda que estamos mais na fase de LMS (Learning Management System) e que esse conceito não nos satisfaz mais como uma comunidade onde a responsabilidade e liderança são compartilhadas, onde somos capazes de fazer essa interação acontecer. Esse participante é membro de outras redes sociais e comunidades e relata que a participação e a colaboração dos membros, por vezes é intenso e às vezes mais esporádico mas nunca um tema

permanece sem resposta. Como ele está imerso e envolvido nesta forma de aprendizagem, construir, criar, colaborar, compartilhar e se conectar, ele costuma trazer questões relacionadas com a nossa temática discutidas nestes outros ambientes e também leva discussões surgidas no GETED para os outros grupos que faz parte.

Um outro participante, o participante D, expressa que o seu desejo de participar em tudo, não era assim no começo. Sua participação ainda era periférica. Estava no papel de observador e não se sentia a vontade em contribuir, mas que agora se sente mais presente e que vê sua participação como ruidosa e colaborativa.

O diálogo é uma espécie de posição necessárias na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres comunicativos críticos. É um momento em que os seres humanos se reúnem para refletir sobre sua realidade, assim como a forma como eles constroem e reconstróem-na. O diálogo sela o relacionamento entre os sujeitos cognitivos com possibilidades de atuar de maneira crítica para transformar a realidade (FREIRE, SHOR, 1997, p.123).

É importante entender que devemos encontrar valor no diálogo como Wenger et al (2002, p. 4) destacam-se: "Essas pessoas não fazem o trabalho necessário juntos todos os dias, mas eles se encontram, porque eles reconhecem o valor de suas interações. Como eles passam tempo juntos, normalmente eles compartilham informações, insights e conselhos. Eles se ajudam mutuamente a resolver problemas ". É uma possibilidade de discutir e explorar as suas situações, aspirações, necessidades, problemas comuns, idéias e também criar e desenvolver um entendimento tácito de que eles compartilham. Os autores acrescentam: "No entanto, eles acumulam conhecimentos, tornam-se informalmente vinculada pelo valor que eles encontram em aprender juntos. Este valor não é meramente instrumental para o trabalho. Ele também dá suporte às perspectivas dos participantes e ao sentimento de pertença a um grupo interessante de pessoas "(p. 4). É assim que os participantes podem desenvolver e estabelecer formas de interação e senso de identidade.

Isso pode ser observado nas falas dos participantes de como eles desejam promover um diálogo, uma espécie de interação para compartilhar

informações, idéias, conceitos e desenvolver seu próprio aprendizado e de seu colega. O participante M afirma que nosso ambiente, o NING, é um sistema de gestão e administração de atividades educacionais em ambientes virtuais com possibilidades para discussão, reflexão, colaboração, construção coletiva do conhecimento, redefinição de conceitos, de reconstrução e conexão, mas que sem a participação, interesse e envolvimento dos participantes, nada disto acontece. Para o participante C a aprendizagem não é uma modificação estrutural do comportamento. Isso acontece com a interação dos sistemas vivos, construído em contacto com os alunos.

É possível observar que os participantes do grupo não estão apenas interessados em partilhar, mas também em fazer perguntas, instigar os outros a pensar de uma maneira mais crítica sobre as discussões surgem.

5. A reflexão crítica na Comunidade

Acreditamos, como aponta Lankshear et al (2000), que não podemos ter uma atitude cega: "Reconcebendo nossas escolas e nossas práticas de ensino, no entanto, não deve ser "cega", sem uma reflexão cuidadosa". Temos de "assumir uma postura social crítica em relação ao letramento e à tecnologia no sentido mais amplo [...]". Eles afirmam que para adotar uma postura social crítica em relação ao letramento e à tecnologia no sentido mais amplo, precisamos adotar uma postura social crítica em relação as tecnologias de informação e comunicação, considerando o cuidado de suas aplicações e implicações educacionais" (p.35).

Aconselha-se a desenvolver uma reflexão crítica de modo a compreender o lugar das "novas tecnologias dentro da história e cultura contemporânea, e em relação a nós mesmos e a prática cotidiana social [...] mais do que simplesmente" aprender a dirigi-los ". Isso significa "tornar-se consumidores críticos ou usuários" (p. 36).

Nós podemos observar como os participantes no fórum de debate, começam a pensar no seu modo de aprendizagem no ambiente virtual, e também como eles estão lidando com as informações que eles recebem.

Na fala do participante R, ele percebe a importância de aprender a gerir o tempo para controlar sua própria aprendizagem. Ele acredita que o GETED é

uma comunidade curiosa em busca de novos conhecimentos, mas que algumas vezes ainda estamos a consumir informação mais do que produzi-las. Corroborando dizendo que o uso de ferramentas e ambientes virtuais envolve a prática e a produção de conhecimento como pesquisadores, autores, criadores, pensadores e produtores.

Já o participante M acredita que essa comunidade é um ambiente rico que proporciona a interação social através do intercâmbio de experiências pessoais e de grupo, desconstrói, reconstrói e consolida os conceitos sobre o uso da tecnologia na educação.

6. Algumas Considerações

Olhando como os professores, participantes do GETED, concebem a inserção das TIC e os ambientes virtuais em sua prática docente, especialmente sobre alguns pontos que consideramos essenciais no contexto: colaboração e reflexão crítica, abrimos espaço para reflexão sobre a sua aprendizagem no contexto virtual e, conseqüentemente, sobre o processo de aprendizagem de seus alunos.

Entendemos pelas mudanças ocorridas na rede social NING através das ferramentas de informação e comunicação que os participantes da pesquisa acreditam que são pontos importantes a participação colaborativa e a reflexão crítica em comunidades virtuais.

É demonstrado pelos participantes do grupo que acreditam que a reflexão sobre suas experiências que podem melhorar as suas práticas e também gerar novos conhecimentos. A conseqüência de refletir sobre nossas experiências e partilha de parceiros da comunidade é a geração de ligações entre as nossas experiências de aprendizagem e prática.

Os participantes não tentam apenas participar e interagir nas discussões ocorridas na comunidade virtual, mas também promover a participação dos outros membros e ainda, de trazer novos membros para a comunidade. Eles tentaram abrir diálogos com foco em suas práticas rotineiras de ensino e aprendizagem, especialmente quando as TIC estão inseridos.

Fica claro na concepção dos participantes que a participação em um grupo é essencial, se quiserem se tornar uma comunidade e desenvolver um sentido de

pertença. Todos devem sentir-se protagonista e um membro ativo no grupo, um ser individual que acrescenta algo de diferente para o coletivo.

Referências

DOWNES, Stephen.(2007). Learning networks in practice. National Research Council of Canada. In: *Emerging Technologies for learning*. Volume 2. UK: Becta (British Educational Communications and Technology Agency). Retrieved Dec, 2010, from: <http://migre.me/3PvBs>

FREIRE, Paulo. (1983). *Extensão ou comunicação?* 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. (1993). *Política e educação*. São Paulo: Cortez.

FREIRE, Paulo. (1997). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ivor. (1997). *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 7. Ed. Trad. A. Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LANKSHEAR, Colin et al. (2000). *Teachers and Technoliteracy: managing literacy, technology and learning in schools*. Australia: Alen & Unwin.

LEA, Mary R. (2005) 'Communities of Practice' in Higher Education. Useful Heuristic or Educational Model? In: BARTON, David and TUSTING, Karin (Eds.). *Beyond Communities of Practice*. Language, Power and Social Context. Cambridge University Press: Cambridge.

PALLOFF, Rena M. & PRATT, Keith. (2005). *Collaborating Online. Learning Together in Community*. Jossey-Bass . U.S.A

PIMENTA, S. G. (1999). Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: *Saberes pedagógicos e atividade docente*. Cortez, São Paulo.

SCHÖN, D. A. (1983). *The Reflective Practitioner: how professionals think in action*. London: Temple Smith.

WENGER, Etienne et al. (2002). *Cultivating communities of practice: a guide to managing knowledge*. Boston, Massachusetts: Harvard Business School Press.